

ANÁLISE SOBRE OS ESTUDOS DE GÊNERO E MOVIMENTOS FEMINISTAS

Eucilene Cherlys Pereira Vitorino¹

Neste artigo nos propomos analisar a mulher como um agente ativo no processo histórico, desmistificando a visão do sexo feminino como frágil e ausente de uma consciência política e inapta para assumir posições importantes na sociedade. Partindo desses pressupostos, teremos como base Joan Scott, que problematiza do termo gênero, e posteriormente sobre as lutas pela igualdade social de Sandra Sousa e o movimento feminista no Estado do Maranhão de Mary Ferreira. Essas referências assinalam a presença das mulheres como participantes do contexto de resistências em oposição à opressão estabelecida pelo sistema patriarcal e da emancipação do sexo feminino numa sociedade com uma mentalidade preconceituosa e machista.

Scott se destacou por sua importância nas inovações sobre o estudo de gênero, estabelecendo novas perspectivas sobre o assunto, com um trabalho pioneiro, o artigo **“Uma Categoria Útil Para Análise Histórica”**, que busca refletir sobre o conceito de gênero, desconstruindo definições e ressignificando o termo, e sua aplicação. Neste observamos toda uma influência filosófica direcionada para Foucault.

Segundo a autora, o gênero teria surgido entre as feministas americanas, que se atrelavam a análise do feminismo de maneira isolada (SCOTT, 1994). Porém, é válido afirmarmos que o conceito de gênero é relacional, ou seja, esse termo não indica somente o estudo da mulher, mas também do sexo masculino no processo histórico. Como afirmou Nathalie Davis: “Eu acho que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, e que não deveríamos trabalhar unicamente como o sexo oprimido”. (SCOTT *apud* DAVIS, 1975).

Geralmente a utilização do conceito de gênero para determinados autores é sinônimo de mulheres, havendo a substituição de história das mulheres por esse termo (SCOTT, 1994). É válido frisarmos, que o termo gênero se constitui nesse ambiente na

¹Graduanda em História licenciatura pela Universidade Estadual Do Maranhão-UEMA. E-mail: Cherlys_eucilene_@hotmail.com.

lógica do pensamento teórico feminista, principalmente nos estudos da década de 80, criando-se a idéia de limitação desse conceito. E, como foi citado anteriormente Scott busca justamente discutir esse tema, o considerando uma teia de relações complexas e disparas que compõem o cenário social. Portanto, segundo a autora, o sexo feminino e masculino são inerentes, estabelecem uma relação dual na sociedade em que estão inseridos. Essa perspectiva se percebe na fala de Scott, ao afirmar o trecho seguinte:

O gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior (SCOTT, 1994).

Esse trecho citado busca romper com a ideia e a imagem da mulher como um ser subordinado e frágil, que foi permeado numa sociedade patriarcalista e hierarquizada. Neste sentido, observamos que a mulher era ou ainda é associada aos aspectos negativos, como incapaz, um nível de inteligência e habilidades inferiores ao do homem, ausência de uma maior participação política, ou seja, considerada abaixo do sexo masculino.

A partir disso cria-se um modelo de mulher direcionada para a manutenção do lar, tendo a posição de boa mãe e esposa, “submetendo-se” ao seu marido e de certa forma representando a “honra” da família, construindo uma boa aparência para sociedade. É interessante destacarmos a fala de Abrantes, que afirma uma ideia que permeou por muitos anos na sociedade maranhense:

Nesse imaginário social, exaltava-se o papel da esposa e mãe exemplares. O casamento era apresentado como ideal de mulher [...] amparados na ideia da natureza frágil e débil da mulher, reforçava-se a tradição de sua vida tutelada pelo homem, seja seu pai, irmão ou marido, que deveria garantir-lhe a proteção, o sustento (SILVA, Tatiane *apud* ABRANTES, 2002, p.6).

É válido ressaltarmos que a mulher era também um mecanismo para o homem ascender socialmente, como Aluísio De Azevedo em 1890 assinala na obra o “Cortiço”. Partindo do pressuposto que o casamento estava imbuído de interesses, que era para além do amor, e sim principalmente para obtenção de status, essa instituição se tornou uma oportunidade de lucratividade em nossa sociedade.

Scott no seu artigo expõe a percepção das feministas marxistas, que veem a sociedade patriarcal pautada principalmente no fator econômico, ou seja, que o aumento da produção influencia diretamente na construção das divergências entre o sexo feminino e masculino. Por isso, nesse contexto também ressaltamos os movimentos feministas, que instaurou toda uma visão a crítica a este sistema vigente. Destacamos como exemplo a Chiquinha Gonzaga, que rompeu justamente com as características que constituíam o ideal de mulher no século XX. A maestrina participou de maneira efetiva na política, ansiava pelo alcance dos direitos das mulheres e de outros grupos sociais. Assim, Chiquinha sofreu uma série de preconceitos, como outras mulheres que não se enquadravam no padrão pré-estabelecido.

No século XXI, surgiram outros trabalhos que discutiram a situação opressiva, que a mulher se encontrava, suas restrições e as visões deturpadoras que se tinham dela. Situamos nesse contexto, a autora Sandra Sousa, que se pautou em algumas narrativas das décadas de 70 e 80, para perceber justamente os pressupostos explanados anteriormente, mas também observar nos discursos de algumas mulheres, o distanciamento dos paradigmas estabelecidos no contexto da sociedade brasileira nesses períodos. A autora inicia seu texto tratando da situação da mulher quanto repudiada, no momento que ela fere os princípios existentes no espaço que vive. E, em seguida Sousa, problematiza o escrever da História feita pelos homens, sendo postos como protagonistas do processo histórico, percebendo assim, uma História também vista de cima, ou seja, dos feitos heroicos, que nesse caso jamais haveria uma mulher nessa posição, pois segundo a visão machista ela não teria capacidade mental para realizar atitudes importantes. Como afirma Sousa:

[...] Lembrando de um tempo em que as mulheres eram queimadas em praça pública, por não conduzirem bem, por serem consideradas loucas, sempre que seu comportamento fosse tido como desviante. Essa é a marca de um tempo em que os homens se propõem serem os senhores da vida e da História, excluindo do cenário público das mulheres (SOUSA, 2009, p.45).

A autora demonstra a partir do discurso de Arnold Bennett, como a escrita masculina estava marcada pelo preconceito para com a classe feminina, quando ele diz:

Nenhuma mulher produziu pinturas, esculturas ou músicas que não fossem de segunda classe. Embora, seja verdade que uma pequena porcentagem das mulheres seja tão inteligente quanto os homens

inteligentes, o intelecto é uma especialidade masculina (SOUSA apud WOOLF, 1996, p.22).

A partir desse trecho observamos o quanto à visão discriminadora sobre a mulher permeava nesses escritos. Partindo disso, como fora importantes produções realizadas pelas mulheres, como forma de libertação, e de mostrar a sua capacidade racional crítica e reflexiva sobre o mundo, e uma colaboradora indispensável para a constituição política e social do espaço em que vivia.

No decorrer do texto de Sousa, narrativas de mulheres pertencentes a um grupo resistente às práticas políticas do governo, destacaram:

As lutas dos 8 de março , foram feitas pelas forças de vanguarda, comunistas, socialistas[...] fome, miséria, criança, creche, a campanha do voto[...] é nessa área que parece circular algo de mais feminista na época[...]até a gente conseguir eleger nessa época uma mulher na Constituinte[...] para isso há toda uma história anterior, na qual as mulheres sempre estiverem envolvidas².

A partir dessa citação vemos que as lutas feministas não estavam apenas atreladas às questões em prol dos interesses das mulheres, mas também de lutas sociais para o melhoramento da sociedade. Dessa forma, a definição do movimento feminista se instaura num campo mais amplo e complexo de certa forma. Além disso, vemos o posicionamento do sexo feminino diante das injustiças sociais, agindo e resistindo ao sistema estabelecido de desigualdade. E, para, além disso, esses discursos demonstram a importância política da participação feminina, na década de 1970, quando o aparelho estatal estava em crise, havendo intensas reações populares. Retomando a década de 1960, que foi um período de ditadura militar, muitas mulheres foram torturadas, pois reivindicavam um país mais justo e democrático, aliadas ao partido esquerdista. E, muitas delas até hoje possuem transtornos psicológicos, devido aos vários tipos de violência sofrida nesse contexto de repressão e opressão.

Todas fomos golpeados em 64[...] só lentamente as mulheres vão se erguendo[...]em 1958, houve aqui em São Paulo, a passeata das marchadeiras, um movimento débil que a igreja conseguiu reunir com mulheres que representavam as forças mais reacionárias, em defesa da família, dos valores tradicionais, eram carolas da igreja, donas de casa, mulheres pobres rurais, algumas forças letradas, mas menos cultas. As mulheres das classes médias, algumas conscientes, começaram militar nos partidos de Esquerda, aquilo da luta armada foi um

²*Idem*, p.46.

equivoco [...] Eu saí do país em 1969, foi quando a coisa estava feia. Já tinha o AI-5 (SOUSA, 2009, p. 50).

Nessa citação observamos um grupo de mulheres que resistiam à ditadura, mas não adotavam ideais de transformações quanto aos valores tradicionais e o modelo burguês de família, que estavam consolidados no espaço social. Ou seja, percebemos que dentro dos movimentos de mulheres havia díspares anseios, pois havia desde tradicionalistas, até as extremistas, mas pode-se dizer, o que as uniam e as unem, são as lutas contra alguma forma de opressão da sociedade.

Partindo desse contexto, Ferreira analisa no seu texto justamente, o movimento feminista quanto sua diversificação. A autora cita a União de Mulheres, Espaço Mulher, Viva Maria, Grupos de Mulheres Negras Mãe Andressa como instituições de importância política. Portanto, cada um desses grupos se direcionavam para uma linha teórica e divergente entre si, mas que tiveram importância significativa na luta das mulheres no Maranhão (FERREIRA, 2007).

É válido pontuarmos sobre o conceito de feminismo nesse momento na sociedade maranhense, que estava atrelado à imagem negativa da feminista, que se desvirtuava dos supostos princípios morais pré-estabelecidos³. Cada um destes grupos possuía reivindicações específicas: as discussões sobre a saúde-Associação de Mulheres médicas; Violência contra mulher-SOS; Mulheres negras-Grupo de Mulheres negras Mãe Andressa; a questão rural-Coletivo de Mulheres trabalhadoras Rurais e entre outras. Partindo desses pressupostos, vemos a cautela que deve haver ao simplificarmos as lutas feministas, ou seja, não colocá-las tudo num só pacote.

Portanto, a partir da análise realizada sobre o feminismo de uma maneira geral e específica, no caso do Maranhão, observamos que os movimentos de mulheres se divergem no campo da mentalidade, mas que ao mesmo tempo se convergem no sentido de alguma forma participarem ativamente e estrategicamente no desenrolar no processo histórico, sendo como um grupo feitor de sua própria história e cooperador do desenvolvimento da sociedade brasileira e especificamente no estado do Maranhão.

³ Segundo Sousa, as “femininas” eram aquelas mulheres que embora participantes das lutas das mulheres, não se denominavam como feministas, devido à imagem negativa associada a elas.

Referências

ABRANTES, Elizabeth Sousa. **A Educação do “Bello Sexo” em São Luís na Segunda Metade do Século XIX**. Recife: UFPE, 2002. (Dissertação de Mestrado).

DAVIS, Natalie. Women’s History in Transition: The European Case, **Feminist Studies**, 3 (Winter 1975-76), p.90.

FERREIRA, Mary. **As Caetanas vão a Luta**: a trajetória dos movimentos feministas no Maranhão face às políticas públicas. São Luís: EDUFMA, 2007, (Cap. III).

SCOTT, Joan. Uma categoria útil de análise histórica. **Revistas Estudos Feministas**, n especial, Florianópolis: UFSC, 1994.

SOUSA, Sandra. **Mulheres em movimento: memória da participação das mulheres nos movimentos pela transformação das relações de gênero os anos de 1970 e 1980**. São Luís: EDFUMA, 2009.

WOOLF, Virginia. **O Status intelectual da Mulher**. Coleção, Rio de Janeiro: Ed, Paz e Terra, 1996, p.22.